



GOLPE COMO DISSOLUÇÃO

THE COUP AS DISSOLUTION

Denise Conceição Ferraz de Camargo

Universidade de Brasília, Brasil
denise.cfcamargo@gmail.com

Link para visualização da narrativa:

<https://vimeo.com/285890635>

Resumo

Em 12 de maio de 2016, dia da consolidação do golpe que o Estado democrático de direitos sofreu no Brasil, anotei pensamentos para os nossos “dias seguintes de ausência e fome”, como os descrevi – este é um trecho de um conto encantador, *Pequenas Epifanias*, de Caio Fernando Abreu. No conto, o narrador vive o epicentro de uma história de paixão. É bom que se saiba disso para que se preserve a fidelidade da frase em seu contexto original. Mas eu a tomo de empréstimo sempre que sinto dor, solidão, medo. Aqueles escritos inspiraram a série de 18 fotografias, realizadas entre 2016 e 2017, nomeadas *Golpe como dissolução*. Elas operam uma espécie de estratégia artística para aplacar, em mim, o horror e o escárnio dos tempos que vivemos. A instauração do trabalho se deu na tempestade real (e simbólica) que se assomava no horizonte: breu, luz, breu, luz, breu, luz... infinitamente. Registrei os intervalos em que, paradoxalmente, a própria escuridão exista enquanto imagem. Posteriormente, fui em busca de nova sucessão de quartos escuros e outras imagens foram surgindo. Em última instância, são fotografias dos limites de luz à procura de frestas, arestas, saídas. Elas dissolvem a representação para forçar uma certa conciliação das características do dispositivo fotográfico com seu regime canônico, que, via de regra, determina a “impossibilidade” técnica de fotografar a escuridão. Para isso, faço uma apropriação do pensamento de Giorgio Agamben, em sua definição do que seria o contemporâneo, como uma metáfora para o processo de criação dessa série. Ele nega que o escuro seja apenas uma simples ausência de luz. Trata-se de um produto da retina. Para ele, a percepção do escuro “[...] não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que [...] equivalem a neutralizar as luzes que provém de uma época para descobrir suas trevas [...]” (AGAMBEN, 2009, p.62-63)”. Ronaldo Entler (2017) aprofunda as teses propostas por Agamben no artigo *Religações: o escuro da fotografia contemporânea*. Ao analisar um conjunto de fotografias, cujo tema é o escuro, Entler discorre sobre as relações que estabelecemos com as imagens, de modo geral. Ele descreve os aspectos obscuros que constituem a própria fotografia contemporânea: a realidade, a contemplação, sua ontologia. Quando afastada da condição mimética que a formou, a fotografia adota um modo de ser ficcional. Assim, esta narrativa visual se assenta nesses princípios quando dissolve a rota do perspectivismo engendrada no sistema fotográfico para promover um apagamento do referente. Esta ação faz que as imagens conquistem, propositadamente, uma espécie de planaridade, no deslocamento de seu tempo-espço. Em contrapartida, fazem saltar sensações que se espera tenham impregnado esta narrativa visual. Dado o Golpe, sonho que estou num quarto escuro de onde saio para viver a saga de chegar a pé ao Largo da Concórdia, na noite em que “o país vai acabar”, diziam as pessoas do meu sonho. E, eu, a pé pela cidade de São Paulo, entrando em seus piores e mais longínquos becos. Pergunto, pergunto, pergunto. Como ninguém sabe onde fica esse lugar? A gente ia até lá quando era criança, explico uma, duas, três vezes. Ele existe. Acordo exaurida, suada. Celebro o inconsciente. Vejo todo este processo se coadunar com uma

espécie de “política de criação”, o que Rolnik (2003, p.85) afirma ser uma forma de resistência. Para ela, é possível considerar que a prática artística consiste na formulação de cartografias de sentido. Ao atualizar a própria realidade que os cerca, artistas trazem sensações para o visível e podem expressá-las. Quando são socializadas, elas tomam o corpo social. Na socialização das sensações o coletivo recebe o comunicado de uma nova composição de forças. Ao ser afetado por elas, também promove novas configurações. Concluo que esse movimento desencadeia pensamentos para o próprio objeto artístico. Do sonho, por fim, há que se chegar, mas a saída é uma difícil concórdia. A “ausência de lógica de uma realidade, também constrói o mundo”, me diz o artista plástico Ralph Gehre. E, nele, a fabricação das imagens. “Vamos fazer arte. Eles odeiam quando fazemos arte”, também me incita à luz, um outro amigo artista, o Pedro Menezes.

Palavras-chave: poéticas e processos artísticos; dispositivo fotográfico; narrativa; golpe de 2016 no Brasil.

Abstract

On 12 May 2016, the day of the consolidation of the coup, that the democratic state of rights suffered in Brazil, I noted down some thoughts for our “days of absence and hunger”. This phrase was extracted from a lovely tale called “*Small epiphanies*”, written by Caio Fernando Abreu. In the tale, the narrator is at the epicenter of a story about passion. I give you this information to preserve the fidelity of the phrase in its original context. But I loan this phrase from him every time I feel pain, loneliness, fear. Those thoughts inspired me to create a series of 18 photographs named “*Golpe como dissolução*” (*The coup as dissolution*). They were made between 2016 and 2017 and they represent an artistic strategy to appease me from the horror and the scornful times we are living in Brazil. During a real and symbolic storm I noticed the intervals of light on the horizon. I registered them and, paradoxically, the darkness itself aroused in the images. Later on, I went in search of a new succession of dark rooms and new images emerged. They are photographs of the limits of light as if they were looking for cracks, edges and an exit. They force the conciliation of the photographic device’s characteristics with its canonical form, which makes the recording of darkness technically impossible. Agamben (2009: p.62-63) defines the concept of the contemporary by denying that the dark is just a simple absence of light. It is a product of the retina. For him, the perception of the dark “[...] is not a form of inertia or passivity but it implies an activity and a particular skill that [...] is equivalent to neutralizing the lights that come from one age to discover their darkness [...]”. And this is a metaphor for my creative process. Ronaldo Entler (2017) deepens the theses proposed by Agamben in his article called “*Relições: the dark of contemporary photography*” in which the author analyses a set of images in which the theme is the darkness. He discusses the relationships we generally establish with the images and describes the obscure aspects that constitute the contemporary photography: reality, contemplation, ontology. The photograph dissociated from the mimesis gets a fictional role. Thus, the presented visual narrative dissolves the perspectivism program that operates in the photographic representation system. This action shifts the images on their time- space and also make them gain a certain flatness. On the next day I had a dream. People said: “The country will end”. I left a dark room to go to Largo da Concórdia (The Concord Place), in São Paulo. I wandered through the worst and most distant alleys of the city. How come nobody knows where this place could be? I went there when I was a child. It exists. I woke up exhausted, sweaty. I celebrated my unconscious mind. Suely Rolnik (2003: p.85) wrote about the policies of creation as a form of resistance: “If we consider that the artistic practice consists in updating sensations by bringing it to the visible and the sayable, producing cartographies of meaning [...] we can state that updating these forces is “to socialize sensations”, communicating to the collective the new compositions of strengths that affect it and make it drift into new configurations.” Finally, I need to get there, but the output is a difficult concord. The “absence of logic of a reality also builds the world,” Ralph Gehre told me. And, in this world, there is the crafting of images. “We will make art. They hate it when we make art”, artist Pedro Menezes invites me into it.

Keywords: poetic and artistic processes; photographic device; narrative; the coup of 2016 in Brazil.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2013.

ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

ROLNIK, Suely. O caso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **ARS** (São Paulo), 1(2), 79-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000200007>> Acesso em: 12/04/2018.

Minicurrículo

Denise Conceição Ferraz de Camargo

Doutora em Artes (IA/Unicamp) e mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP). É professora da área de Fotografia no Departamento de Artes Visuais (IdA/UnB) e da linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas do PPG-Arte. Realiza estudos sobre o dispositivo fotográfico, poéticas e processos de criação, fotografia performativa, tecnologias dos saberes ancestrais, imagem nas matrizes culturais afro-brasileiras.